TERÇA-FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1915 N.º 247, 5.—(369) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

Quadro do Natal

A adoração do **Meninó**

O NATAL

Opiniões sobre esta celebre data

O NATAL! A tradição secular guarda para este periodo do ano uma festividade sorridente, toda amôr e familia.

De tudo que morre, que passa, que envelhece, a tradição antiga, singela, fica de pé, em toda a plenitude duma pureza e graça. **O NATAL**, cheio de recordações lendaricas, dos costumes simpaticos das praxes infantis e simples, através de gerações, fica a crear cabelos brancos, muito brancos, mas sempre os mesmos em cada novo ano que surge.

E afinal, o **NATAL** o que encerra a mais que tantas outras tradições cristãs, esboroam e desfazem lentamente ao perpassar dos seculos?

O amôr da familia, a ideia ainda longinqua da paz universal, o amôr do similhante, a apoteose da infancia, o triumfo do lar.

Contudo, não quizemos, dar aqui por findas as nossas palavras sobre o **NATAL**.

E então fomos a coordenar as opiniões dos grandes homens publicos nacionaes e estranjeiros.

Perdoem-nos a audacia e a indiscripção, mas...

— **O NATAL** *é a consagração do Cristo. Eu conheci-o perfeitamente. Até lhe falei uma vez no Grandela. O seu pensamento melhor é aquelle... «deixae vir a mim os pequeninos.» E' cá dos meus.*

CORDEALMENTE. B. M.

O NATAL *é um belo tempo para fazer uma lei sobre* as bôas festas, *e um imposto sobre as brôas. Até crescia o superavit.*

AFONSO COSTA.

Não me falem em **NATAL**, *tinha prometido ir comer um peru em Berlim ha um ano e...*

NICOLAU II
Czar da Russia

Gosto do Natal por ser tempo em que ha muitas sessões solenes em que vou representar o chefe do governo.

URBANO RODRIGUES.

O NATAL *é o tempo das* peruas.

ALEXANDRE BRAGA.

Cristo sintetizou o instinto universal do bem. E' um fenomeno da psicologia germinativa inata das eras romanicas.

TEOFILO BRAGA.

(Do livro **O NATAL** *e as brôas de milho)*

Se eu visse esse maroto, esse intrujão esse parlapatão, puchava-lhes as orelhas.

FAUSTINO DA FONSECA.

Cristo era um desertor. Não assentou praça, nem fez escolas de repetição, e nem sequer frequentou a Instrução Militar Preparatoria.

PEREIRA BASTOS.
Major.

O NATAL *é um* maná. *Devia haver 3* **NATAES** *em cada ano.*

PASTELARIA MARQUES.

Todos os anos na noite de **NATAL** *ponho o sapato na chaminé a ver se o menino Jesus me dá alguma...* posta.

JOSÉ MARIA D'ALPOIM.

Já não ha perús gôrdos. E' tudo ôsso.

FERREIRA DO AMARAL.

No **NATAL** *a agua em geral está muito fria. Cristo foi uma vitima e um filosofo. Atualmente em Portugal ha um politico muito similhante a Ele.*

BRITO CAMACHO.

Cristo era um vadio.

RODRIGO RODRIGUES.

Quando te amei, ó luz santissima
Os olhos baixos, os braços nús
Parecias uma secia de biôco,
A dizer: ai Jesus... *ai* Jesus!

JULIO DANTAS.

Qual **NATAL**, *nem qual carapuça! Dinheiro, homens e munições é que é preciso. Oh Yess!*

JORGE V D'INGLATERRA

O NATAL *é a nossa perdição.*

UM CASAL DE PERÚS.

SINOS DO NATAL

POR *João da Camara.*

Estrellas da noite, puras
Como o brilhante mais lindo,
Na terra os sinos ouvindo,
Mais fulgiram nas alturas.

Um concerto foi das aves
Em campos, valles e montes;
Ergueram cantos as fontes
Por entre os musgos suaves.

Muda-se a noite em aurora
Toda feita de alegria!
Diz-se que um lobo fugia,
De terror, charneca fóra.

Tocam os sinos contentes!
Meia noite, e um sol é nado!
Sorri-se o campo encantado
A' luz de estrellas ridentes!

Outr'óra a luz de uma estrella
Veio os reis magos guiando;
Quem nos déra viver, quando
Os homens puderam vê-la!

Correu no ceu todo gloria,
Sobre o presepio quedou-se.
E a voz dos sinos tão doce
De Jesus nos diz a historia.

Como nasceu pobresinho
O Rei dos Ceus, que sómente
Com o seu soffrer quiz á gente
Ensinar o bom caminho.

Contos para creança

As duas irmãzinhas

POR *Julio Brandão.*

Duma vez eram duas irmãzinhas muito amigas, a quem tinha morrido a mãe, e que viviam com a madrasta, que era muito má e muito feia, e dava sempre taréfas muito pesadas ás duas meninas.

Certa noite disse-lhes assim:

—«Haveis de acabar um par de meias até á meia noite. Aquella que não fizer a sua meia, ha-de estar dois dias a pão e agua».

As duas irmãzinhas trabalharam, trabalharam desde muito cedo; mas uma d'ellas (a mais novinha) era naturalmente vagarosa, e caiam-lhe muitas malhas. De maneira que tinha de desfazer parte da meia, de voltar atraz, porque a madastra batia-lhe, se visse alguma malha caida...

A irmã mais velha, com pena d'ella, quando a via a chorar por não poder terminar a taréfa.

E assim aconteceu que a meia da mais pequenina estava quasi prompta, e a da outra, que trabalhava muito mais e melhor, estava muito atrazada.

Isto era no verão. A madrasta, para não gastar luz, obrigava-as a trabalhar ao luar, em noites de lua cheia. Iam para a varanda do jardim e alli ficavam as duas, lindas como flores, horas e horas a acabar a taréfa... Havia na varanda caixotes de cravos, que enchiam o ar de perfume; e quasi sempre um rouxinol vinha pôr-se a cantar n'uma arvore uma canção muito triste...

Então as duas lembravam-se da mãe, que fôra sempre tão bôa, que sempre as beijava e lhes contava historias — e os olhos enchiam-se-lhes de pranto.

N'essa noite, a irmã mais velha, depois de acabar a meia da mais pequenina, sentiu que os olhos se lhe fechavam com pesado somno...

A lua era cada vez mais branca e mais linda, os cravos cheiravam cada vez melhor, e o rouxinol lá estava a cantar — como se viesse fazer-lhes companhia!

A mais pequenina tambem adormecêra...

Passado um tempo, acordaram, com um sino a dar ao longe a meia noite: — *Dlão, dlão, dlão...*

— «Valha-me Nossa Senhora!» disse a mais velha á irmã. Adormeci de cansada, e não tarda ahi a madrasta, e eu com a meia por fazer! O que será de mim? Valha-me Nossa Senhora!...» Mas olhou para o regaço, e viu a meia prompta, muito bem feita, muito branca, e ficou admirada. Quem lh'a teria feito, emquanto ella dormia?

Então uma voz mais doce do que a do rouxinol, mais suave que o perfume dos cravos fallou-lhe assim ao ouvido:

— «Fui eu, que sou tua madrinha. Fui eu por tu seres bôa, e ajudares tua irmãzinha, que mal póde ainda trabalhar... Nunca eu desamparo os pequeninos, quando elles são bondosos como tu.»

Depois sentiu um beijo na face. Nossa Senhora quem lh'o dava e de quem ella não viu senão um manto de claridade, que desappareceu na noite formosissima, emquanto o rouxinol deliciosamente continuava a cantar.

E quando a madrasta veiu, ficou espantada; pois pudéra! Encheu-se de repente de remorsos, e nunca mais deu taréfas tão pesadas ás duas irmãzinhas.

UM JUIZ COM JUIZO

Um ricaço, mas avarento, perdeu uma grande porção de libras metidas num saco.

Anunciou publicamente que daria cem mil réis de alviçaras a quem lh'o trouxesse. Um camponio apresentou-se em casa com o saco. O homem contou as libras e disse:

«Devia estar aqui dentro, duzentas libras e só cá estão cento e oitenta; vejo meu caro amigo que teve o cuidado em ficar com as 20 libras prometidas Estamos quasi quites.»

O camponio que era honrado, e não tinha tocado no saco, não se deu por satisfeito com a conclusão do avarento.

Foram á presença dum juiz que convencido da má fé do avarento, pronunciou o seguinte julgamento:

Um de vós perdeu a quantia de 200 libras; o outro encontrou um saco contendo sómente 180; conclue-se claramente que o dinheiro do ultimo não pode ser o mesmo que aquele a que o primeiro se julga com direito.

Por conseguinte, tu, meu bom rapaz, tornas a levar o dinheiro que encontraste e guarda-o até á ocasião em que se apresente a pessôa que perdesse as 180 libras.

E, vós cavalheiro, unico conselho que tenho a dar-vos é que tenhaes paciencia até que se apresente aquelle que tenha encontrado as vossas 200 libras.

POR *A. Ferreira.*

TINHAM já dado 9 horas. Mario, aquela noite, atento, sem sôno, estranhava que o não levassem a deitar. Parecia-lhe ver todos com cara de caso grave, andavam devagar, falavam baixinho.

Por certo a mãesinha estava bem doente, mas já duas vezes fazendo *beicinho* preguntara ao pae por ela e obtivera uma resposta tranquilisadora: «A mamãzinha estava só incomodada, e não queria que lhe fizessem bulha» mais nada. O que mais o exasperava era não lhe dizerem porque não havia a arvore de Natal, aquela noite, tendo havido o ano passado uma tão iluminada e cheia de brinquedos. Exasperava-o porque o não deixavam ir ao quarto da mãe, e intrigava-se com a pouca atenção que lhe ligavam.

A' 9 e meia o pae, disse para a ama que «fosse deitar o pequeno».

Mario ainda tentou recalcitrar. Queria pôr as botinas na chaminé para ver se lhe viria uma caixa de soldados a cavalo, que ele vira numa montra da baixa. Mas, isso sim, levaram-no para o quarto a ama deitou-o, dizendo que estivesse quietinho porque a «mamã estava doentinha e era precizo que os meninos bonitos tivessem juizo e dormissem».

Mas que havia qualquer coisa havia; a ama não se deitou na cama grande ao lado da dêle, e deixando a lamparina, saiu para o corredor.

Ao principio Mario, quiz ver se dormia, mas, como a todo o instante lhe lembrava que só uma noite no ano, o menino Jesus, vinha trazer «bonitos» aos pequeninos, não teve mais mão em si e levantou-se devagarinho, com a camisa de noite muito grande a tapá-lo até aos pés. Agarrou nos sapatos e egueirando-se, no silencio da caza, quando sentiu todos para o quarto da mãe, foi pô-los, perfilados, muito direitos bem ao canto da chaminé. Ainda olhou lá para cima, mas era tão escuro e preto, que chegou a duvidar que o menino Jesus viesse por ali.

Tinha 5 anos. O que havia nele mais expressivo eram os olhos, uns olhos escuros que falavam, e denotavam uma esperteza e um criterio de alguem mais nascido. Tinha os seus raciocinios que muitas «pessoas grandes» não podiam atalhar e se embaraçavam para lhe responder.

Tinha o seu gosto de saber os *porquês*, os motivos das coisas; e depois era uma *caterva* continua de perguntas constantemente, que o tornavam o mais alacre e palrador dos primos todos.

Naquela noite, a sua curiozidade excedia os limites. Porque é que não havia uma arvore toda cheia de luzes de côres, com palhaços, bonecas, bolas, comboios, militares, cavalos, jogos?

Porque é que o não deixavam pôr os sapatos? Teria o menino Jesus ficado zangado da outra vez—o ano passado — quando lhe deu aquele *carro de bois* e ele ao dia seguinte tinha aberto um dos animaes para ver se tinha tambem tripas?

Voltou para a cama, a palmilhar lepido o oleado frio, e escondeu-se todo dentro da roupa. Ficou então mais descançado, e pensando já na caixa completa dos marciaes soldados de chumbo que pela manhã seguinte iria encontrar junto das botinas, começou a perder a noção das coisas, a deixar-se levar pelo sôno e...

D'ai a pouco, Mario andava sob nuvens brancas, muito macias, tão macias que nem as sentia debaixo dos pés, em camisa de noite, de mãos dadas com outros *bébés* da sua edade, fazendo uma grande roda em tôrno, duma arvore muito alta, cheia de balões e brinquedos. Havia um guarda, um pequeno do tamanho dele, mas com umas barbas em bico, brancas, e um capuz vermelho, que não deixava ninguem lá tocar. Eles cantavam todos correndo em volta, até que a um sinal se decidiram a assaltar a árvore. A' sua frente estava exatamente uma enorme caixa de papelão com militares, muitissimo mais bonito do que a que ele tinha visto. Cavalos, peças de artilheria, uma bandeira, e uma barraquinha; ele só estendeu a mão. Mas o guarda das barbas brancas assim que lhe viu o gesto, abriu muito os olhos, mostrou os dentes e apitou com toda a força. Apareceram a toda a brida lá ao longe uns cães enormes, de azul, com os olhos a deitar fogo, e fazendo mais barulho que muitos cavalos juntos a galopar.

Mario sentiu-se perdido. Não teve tempo senão de fugir, correr á desfilada. Foi então uma corrida horrivel; ele a querer andar depressa, sentindo o cão com olhos a deitar fogo, quasi a agarra-lo; a camisa de noite prendia-lhe as pernas, os pés doiam-lhe, o peito cançava-se, e o cão horrendo, a ladrar e a correr cada vez mais perto. Faltavam só uns metros para ser tomado na sua *bocarra* enorme. Tão afeito estava que... acordou, assentou-se muito depressa na caminha pequena, esfregou os olhos, á procura do *canzarrão*, e reparou então que havia luz ainda lá dentro, Sentiu passos na cozinha, gente que mexia.

Teve um alvaroço muito grande. Não se tinha enganado. Lá estava Ele a encher-lhe os sapatos; deitou se para baixo muito depressa e á força de fingir que dormia... voltou a pegar no sôno.

*

— «Vá menino Mario toca a levantar que são horas! esclamava pela manhã a ama Joaquina, sacudindo-lhe o bracito.

Foi um instante, lavou se e vestiu-se em menos de metade do tempo dos outros dias. E' que ele tinha um fito. Muito calado, para se vingar tambem dos segredos dos grandes, tratou de ir sósinho vêr as botinas novas que fôra pôr á chaminé.

Mas... ó desolação. Perante as botinas, intactas, vazias, no mesmo logar em que as colocára, os seus olhitos expressivos sentiram uma gotinha de agua a molhá-los, e sem querer, o seu beicinho franziu-se num prenuncio de chôro.

Não quiz mostrar a sua fraquesa. O pae chamava-o; queria-o levar a vêr a mamã.

Disfarçou e foi a corrêr. O pae abraçou-o no ar, suspenso por debaixo dos braços. Quando entrou no quarto da mãe correu para a cama, e com toda a sua arte de trepador ia a subir, quando viu, ao lado da mãe, toda a sorrir, uma cabecita pequena, redonda sem pelos, com uns olhitos quazi do tamanho dos da boneca da prima Li.

Mario percebeu; parou e olhando a mãe, em tom de reprimenda, e ostentando a sua bazofia infantil só lhe disse:

— Eu bem sabia que Ele tinha cá vindo, que eu bem o ouvi...

Mas ao mesmo tempo, assaltou-o uma grande duvida. Vincou o sobrancelho pequenino e interrogou-a:

Olha lá, mãe. Mas eu não vi lá o teu sapato? Onde foi que puzeste?

A virgem de Galiléa

POR *Gomes Leal*

Era uma vez uma virgem
em Nazarette, branca aldeia,
que tinha um noivo de origem
dos velhos reis da Judêa.

Á porta do seu casal
crescia a flôr do espinheiro,
como um emblema primeiro
do diadema real.

De rastos, seus pés beijavam
as plantas, como ás Rainhas.
No seu telhado adejavam
as azas das andorinhas.

Consolar a alheia magoa
ninguem sabia tão bem!
Era mais pura que a agua
da cisterna de Bethlem.

Havia anceios contidos,
Como vozes de quem roga,
quando ia, de olhos descidos,
ao sabbado, á synagoga!

Vinham as pombas, em bando,
sobre as suas mãos pousar
quando fiava, cantando,
sentada, á porta do lar.

Dizia a branca açucena,
Para a flor do rosmaninho:
—Que casta virgem morena
toda vestida de linho!

O mar que se ri da sonda
dizia com tom extranho:
—Quem me déra uma só onda
do seu cabello castanho!

Toda a tarde, um rouxinol
cantava á flor do espinheiro:
—Que lindo rosto trigueiro!
—Que cantos cheios de sol!

Os marinheiros as barcas
paravam, como em delirio.
Era o mais mystico lirio
do bordão dos Patriarchas!

Ora, uma vez que fiava,
cantando ao pé do espinheiro,
á porta do lar pousava
um singular mensageiro.

Voavam pombas nos cumes.
O sol descia a ladeira.
No ar boiavam perfumes
mysticos de larangeira.

O rosto do mensageiro,
placido, resplandecente,
brilhava como um guerreiro,
ou como o sol no Oriente.

Então, com voz grave, cheia
de uma ineffavel poesia,
á Virgem de Galilia
saudou-a: a Ave Maria!

Avé, ó lirio impolluto!
cheia de graça ante os Ceus.
Bento no ventre é o fructo.
Comvosco é o Senhor Deus!»

Mas ella, com humildade,
como a rasteirinha herva:
—«Faça-se a vossa vontade.
Senhor!—eis a vossa serva.»

Então, as rolas voaram,
Deu graças o Oceano vario.
—Mas, sobre as hastes, choraram
as violetas do Calvario.

O Natal
(Recordações do passado)

POR *Jean Jacques*

A neve caía em flocos, turvando o ar. Os campos, os caminhos, os telhados das casas e até as arvores achavam-se revestidos de um manto, cuja alvura imaculada fazia tonturas á vista. O panorama era lindo e ao mesmo tempo desolador!

O frio apertava; entretanto alguns rapasitos mal enroupados, descalços, saltavam brincando por cima da neve, fasendo com ela bonecos e grandes bolas que engrossavam á medida que as rolavam no chão.

Nos sinos da torre tocavam o tinteri-nó, costume que na Capinha, concelho do Fundão é antigo. O tin-teri-nó começam os rapazes a toca-lo assim que principia o advento ou dias antes. Parece uma valsa mais ou menos com passada.

A rapaziada conserva-se toda a noite agarrada ao badalo dos sinos. Esta costumeira dura até ao Natal. Muitas vezes o tin-teri-nó tem dado causa á graves desordens entre os rapazes, por quererem todos toca-lo ao mesmo tempo.

Dizem uns que a tal tocadilha principiou para festejar o Menino Jesus e outros que para celebrar o regresso á Capinha de certa personagem que se dizia ter morrido em Africa.

Um grupo de individuos corriam para á fonte de Cima.

Eram homens de idade e rapazes. Iam vêr chegar os madeiros para serem queimados na relva. (adro).

Efectivamente ao fundo da calçada de S. Marcos, achavam-se dois carros carregados com enormes troncos de castanheiros seculares.

Cada carro trazia trez juntas de bois que mal os podiam arrastar.

Os carros foram rodeiados pelos individuos que iam chegando, os quais ajudavam ao esforço supremo de os arrancar do atoleiro da neve.

Depois de grande trabalho puderam seguir até á relva, onde os madeiros foram empilhados para lhes deitarem o fogo.

Os sinos continuam gemendo vibrações sonoras como que abafadas pela neve, para novamente erguerem a sua voz potente, tocando alegremente o tin-teri nó.

Já noite escura. Os madeiros estavam ardendo, fazendo um enorme fogacho.

Em redor deles estavam muitos homens conversando e rindo, aquecendo-se ao fogo do brazido, mas se aqueciam do lado que defrontava com o fogo, arrefeciam do outro. Soprava um vento cortante, desse vento gelido que trespassa.

—O sr. morgado, dizia um tagarela deu-nos uns grandes madeiros para aquecer o Menino Jesus.

Outro contestava:

— Tambem não temos razão de queixa da sr.ª D. Ana que no ano passado nos deu bastantes madeiros para o Natal.

Alguns rapazes batiam com cacheiros nos madeiros, gritando:

— O' madeiro! ó madeiro! revolvendo as brazas, o que fazia subir ao ar muitas faulhas.

A's 11 horas os sinos emudeceram. Apenas tocaram a ultima á missa do galo.

A não ser algum velho gotoso que ficou em casa, o mais tudo foi á missa.

A igreja encheu-se de fieis. Os pastores nunca faltam á missa do galo, como verdadeiros crentes; voltam depois a suas casas, depois de terem beijado o Menino Jesus, esculpido em madeira de reduzidas dimensões. Beijavam-no cheios de fé com o coração a transbordar de ternura e ficavam encantados com o presepe armado pelo velho Diniz, arregalando os olhos para as lantejoulas que a luz das velas fazia relampejar um intenso brilho, notando a vaca e a mula modelada em gesso e um anjo muito pomposo com as suas azas inertes que descia por meio de uns arames e que é quem tem a primasia de beijar o menino Deus. Isto no meio de canticos ao menino!

A seguir o prior tira o menino das palhinhas e dá-o a beijar aos fieis que se acotovelam.

Numa bandeja tinem algumas moedas. O prior ralha, mas a sua palavra não é atendida.

As moedas continuam a cair na bandeja e o prior já fatigado, voltando-se para uns crentes que não deitam coisa alguma na bandeja, diz lhes:

— Quem está sujo não beija o menino, vá-se a lavar,— frase que repete varias vezes.

«Autant de pays, autant de guises».

O Natal nas trincheiras

(Carta de um combatente na ARGONNE)

Pedro I

O heroico rei da heroica Servia

Joffre

Generalissimo dos exercitos francezes

Alberto I

Rei da Belgica—Honra e Gloria

França-Argone-1915.

Noite de inverno.

O ceu é escuro, uma desa mancha negra que se perde em toda a lonjura dos campos.

Caem flocos de neve, uma frialdade invisivel que se depozita no capote, penetra, infiltra pelos tecidos, e toca gelidamente a carne toda.

Silencio em toda a linha.

A meu lado, dormitam mais cinco companheiros, os capotes, as peles, as luvas, escondendo-lhes e abafando-lhes os corpos.

Perto, as armas encharcam-se da humidade que cáe. Encosto a fronte ao cano frio da minha e, olho em vão pela fresta que me destinaram.

Deve ser perto de meia noite.

Para a retaguarda fica o bosque, impenetravel, mudo, como se fosse em tranquila paz. Ninguem advinharia a tripla linha fortificada, defendida, sulcada e dissimulada no terreno, onde se acumulam milhares de entes prontos á morte.

Toda uma vida se agita no *sub-solo*. Hoje deve lá haver festa, porque os soldados, tambem festejam o seu Natal.

Cá nas linhas dos postos avançados vigia-se atento, o monstro que parece socegedo, em frente. Mas, já o ano passado o Natal foi festejado na minha trincheira. Houve muzicas, saudades, alegria, canções, mas principalmente saudades, mnitas saudades. Hoje tambem, vespera de Natal, os meus companheiros devem festejar a data querida. Sómente me coube, neste quinhão de sacrificio de todos, os postos avançados. A solidão hoje parecenos maior que a de tantas noites passadas nas trincheiras. E' que, quando cançado de não ver atravez a escuridão em frente, cerro os olhos um curto minuto, perpassam pelo meu pensamento os quadros mais saudosos da minha terra. A noite de Natal evoca-me a minha aldeia, as suas festas singelas. Lembra-me a missa da vespera, á noite — a missa do galo — de que eu, sem saber bem explicar a razão, era devóto. A minha mãe, tão santa que ela é, na sua pobreza e na sua humildade, em pequeno, ensinara-me a amar todos, e ia de noite encher-me os sapatos velhos que eu punha junto aos restos fumegantes da lareira, com uns brinquedos pobres, mas que para mim eram, como se fossem de ouro. Contava-me historias, falava-me de anjos, de paz, de Jesus vindo deixar a sua recordação em cada pequenino que fosse bom e prometesse a si proprio, amá-lo muito, e a todos mais, irmãmente. Havia sempre um bocado de comida, para os mizeraveis. Parecia que, o bem, era a mola impulsiva da nossa vida, e a noite de Natal passava, singela, clara, diafana atravez do nosso espirito.

Nicolau II

Imperador de todas as Russias

E agora, sinto a frialdade do cano da arma, descançando da faina mortifera.

Estou aqui para matar.

Hontem ainda, aquele bavaro que trespassei a 4 passos com uma bala, e que de olhos cerrados, expressão barbara se defendia cegamente, quando tombou ferido, agonisante, foi com um olhar mizericordioso que me chamou.

Não nos entendemos; no estertôr, os olhos vidrados apenas teve tempo de me entregar um pequeno retrato e apontar-me num derradeiro esforço a patria, a aldeia, o lar, lá ao longe... muito longe.

Era a mãe... E eu lembrei-me da minha que reza por mim tambem numa outra aldeia.

Porque matei eu aquele filho, áquela mãe? Com que direito, com que instinto? Quem me mudou o pensar, aquele pensar tão dôce, aquele pensar tão generoso e bom que minha mãe me ensinou, pelas noites de Natal, ante a evocação de Jesus, do amôr do proximo, do amôr da humanidade inteira?

E fico sem resposta na mudez da noite.

*

Desponta a madrugada, lentamente. A invernia ofusca o sol, que não quebra a nevoa. Em frente dissimulados, na terra ha olhos que vigiam.

Jorge V

Rei da Grau Bretanha e Irlanda

Raimond Poincaret

Presidente da Republica Franceza

A geada tombou toda a noite sobre o arame farpado, e parece um campo de exoticas flores brancas.

Vem render-me, por uma trincheira de ligação... Deixo-me levar, indiferente, triste, debaixo das reflexões duma noite tristonha de Natal...

Subito desperto. Junto de mim na pardacenta névoa que tudo encobre uma mancha vermelha chama-me os sentidos. Olho — A. E, como acordando dum torpôr de muitas horas de letargia, parece-me ouvir nas listas tricolores da bandeira sagrada, altiva entre as baionetas que a sustentam, uma voz imensa, cheia de canções gloriosas, de afagos sem egual, feita de soluços de mãe e beijos de amantes que me grita: — A Patria!

Jean P.

Eduardo Noronha

No numero d'O ZÉ de 11 de janeiro proximo, publica o nosso jornal, uma brilhante chronica sobre a guerra, d'este nosso querido amigo, escriptor brilhante e um dos mais eruditos homens de letras, além de perito abalisado na technica da guerra.

O seu artigo, que vae ser de interesse palpitante, nêste momento de luta por todo o mundo, é duplo valoroso pela pena que o firma e a honra que traz ao nosso jornal, o talento de Eduardo Noronha.

O passeio de Santo Antonio

POR *Augusto Gil.*

Saira Santo Antonio do convento,
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, n'um tom rezado e lento,
Um candido sermão sobre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite plácida baixando...

E andando, andando, viu-se n'um outeiro,
Com arvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das pruxadas.

Surpreendido por se ver tão longe,
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descançar o bom do monge,
Com a resignação de quem é santo...

O luar, um luar clarissimo nasceu.
N'um raio d'essa linda claridade
O menino Jesus baixou do céu,
Pôz-se a brincar com o capuz do frade.

Pérto, uma bica d'agua murmurante
Juntava o seu murmurio ao dos pinhaes.
Os rouxinoes ouviam-se distante.
O luar, mais alto, illuminava mais.

De braço dado, para a fonte, vinha
Um par de noivos todo satisfeito.
Ella trazia ao hombro a cantarinha,
Elle trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguem os visse,
Trocaram beijos ao luar tranquilo.
O menino, porém, ouviu e disse:
—Oh Frei Antonio, o que foi aquilo?...

O santo, erguendo a manga de burel,
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu n'uma voz doce como o mel.
—Não sei que fosse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada limpida, sonóra,
Vibrou em notas d'oiro no caminho.
—Ouviste, Frei Antonio? Ouviste agóra?
—Ouvi, Senhor ouvi. E' um passarinho...

—Tu não estás com a cabeça boa...
Um passarinho a cantar assim!...
E o pobre Santo Antonio de Lisboa
Calou-se embaraçado, mas por fim,

Córado como as vestes dos cardeaes,
Achou esta saida redentora:
—Se o menino Jesus pergunta mais,
...Queixo-me á sua mãe, Nossa Senhora!

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquelle amor sem casamento,
Pegou lhe ao colo e acrescentou: Jesus,
São horas...
—E abalaram p'ró convento.

Conto para creanças

Carlos Magno e o abade X...

POR * * *

Carlos Magno, durante uma das suas frequentes viagens, encontrou o abade de X... estiraçado sobre um banco, em frente da abadia. Carlos Magno apreciava os homens activos e o nosso abade era indolente; alem disso, o imperador tinha mais de uma razão de queixa contra ele.

— «Bom dia, senhor abade. Encontro-o a proposito. Tenho de submeter á sua sabedoria a resolução de tres problemas, cujas soluções me dará d'aqui a tres meses em sessão soléne do conselho imperial.

Desejo saber, primeiramente, quanto valho em dinheiro; depois quanto tempo me seria necessario para dar uma volta ao mundo; finalmente, qual será o meu pensamento quando o senhor abade aparecer na minha presença, pensamento que deverá ser um erro. Trate de encontrar respostas satisfatórias para tudo, senão, deixará de ser abade da abadia de X. donde sahirá montado n'um burro, mas ao contrario, isto é, com as costas para a cabeça do animal».

Calcule-se como o nosso pobre abade teria ficado desolado. Consultou varios doutores de fama, mas em vão, porque ninguem achara resposta para taes perguntas. O desgraçado de nédio e córado que era tornou-se em breve como um cadaver. Não comia nem dormia, mas uma vez em que foi meditar para o campo, á sombra d'um olmeiro, foi abordado pelo pastor do seu gado que lhe disse:

— Viva senhor abade. Está doente? Acho o tão magro...

— Sim meu rapaz, estou muito doente.

— Deixe-me procurar alguma erva que lhe faça bem.

— Ah meu rapaz, infelizmente a minha doença não se cura com ervas; só respondendo a tres perguntas me posso curar.

— Trata-se então de latim, muito dificil.

— Oh, se fosse latim, mas não é...

— Então se não é latim, diga-me quaes são as tres perguntas, porque a minha mãe tinha sempre resposta para tudo.

O abade narrou-lhe de que se tratava, e o pastor, atirando o barrete ao ar, disse alegremente. Se não se trata senão d'isso, o patrão vae tornar a engordar.

Eu me encarrego de fallar por si, com a condição de me emprestar n'esse dia a sua capa e a sua batina.

Chegado o dia fatal, o pastor foi introduzido na sala onde funcionava o conselho imperial.

— Vejo senhor abade que está mais magro: é porque tem meditado muito para achar a chave do enigma. Vamos lá á primeira pergunta. Quanto valho eu em dinheiro, pelo meu justo valor, é claro?

— Sire, Jesus Christo foi vendido por trinta dinheiros. Vossa Magestade vale bem vinte e nove, só um dinheiro a menos.

— Bravo, a resposta é habil. Responda á segunda. Quanto tempo precisaria para dar uma volta ao mundo?

— Sire, se Vossa Magestade se levantar de manhãsinha cedo, e possa constantemente seguir, passo a passo o sol no seu giro, bastar-lhe-hão vinte e quatro horas.

— Decididamente o senhor é um grande homem e não posso deixar de me confessar vencido; mas a terceira não admite *ses*, porque o senhor abade não pode adivinhar o que eu penso n'este momento, estando de mais a mais em erro...

— Sire, Vossa Magestade pensa que eu sou o abade de X... e engana-se porque sou o seu pastor...

N'esse caso és tu quem deve ser o abade de X... e fical-o sendo d'ora avante.

— Sire, não posso ser porque não sei latim, mas se Vossa Magestade quer conceder-me um favor, pedir-lhe-hei outra graça.

— Não tens mais que fallar.

— Peço o perdão para o meu bom patrão.

Carlos Magno nao era homem para faltar á sua palavra.

AOS LEITORES

Devido ao nosso numero ser extraordinario, só no proximo numero é que poderemos dar a publico a *critica da Freira de Beja* devido á pena do nosso distincto colaborador João da Rua, e bem assim as referencias devidas á *Historia da Guerra Europeia, Espelho e Burros* recebidos. Egualmente a secção charadistica, etc.

Theatro de S. Carlos

Semana d'arte

Campanhia do

Theatro da Republica

Representação extraordinaria das celebres peças

Kean, Ceia dos Cardeaes, Hamlet, etc.

Emquanto se não efectua a reabertura do

Theatro Republica

David de Sousa—O notavel maestro que dirige os já celebres **Concertos no Politeama.**

Theatro Nacional

Hoje **Hoje**

A Freira de Beja

1 acto de Ruy Chianca

D. Perpetua que Deus haja

Desopilante comedia de Chagas Roquete

5.ª feira reaparição da peça

Frei Luiz de Sousa

de Garrett

Brevemente — **Festa artistica** do distincto actor Augusto Melo

Malquerida, drama de Benavente

Ferreira da Silva—Da Companhia do Republica, atualmente em S. Carlos.

Eduardo Brazão—Gloria do theatro Portuguez em S. Carlos.

Theatro Trindade

Hoje e toda a vida até ao

Dia de juizo

A celebre peça de Schwalbach

Dia de juizo

Rir a perder
Morrer de rir

EDEN

Dominó!

Dominó!

Dominó!

Dominó!

Visconde de S. Luiz de Braga - O grande emprezario da capital. O mais empreendedôr, o mais artista e o mais gordo.
Gloria a S. Luiz de Braga, o paladino da Arte!

Theat. do Ginazio

Ultimas da celebre comedia americana

La dona é mobile

o successo da epoca, conjuntamente da

Sorior Mariana
e Beltrão de Figueirôa

peças de Julio Dantas

Rir com o

Comissario
da Policia

Ainda esta semana

O PRIMO BAZILIO

do romance de EÇA DE QUEIROZ

Apollo

A opereta

VIAGEM DE SUZETE

Com o seu elefante, a sua girafa, um camelo e 4 burros alem de outras maravilhas, breve chega ás 50.

Chiado Terrasse

O animatographo da moda!
Todas as noites variedades.
Films comicos!
Films dramaticos?

O melhor animatographo de Lisboa

Etelvina Serra—A protagonista da **Martir**, do **Caldo entornado** e do **Ouro sobre azul** do Politeama.

Olimpia

O rendez-vous da moda

Matinées e soirées elegantes

O animatographo de mais gosto da capital.
Fitas emocionantes e celebres.

Ninguem deixe de vêr

As aventuras de Paulina

Salão Central

Sessões elegantes

Fitas escolhidas
Enchentes consecutivas
Grandes atractivos cinematographicos

Julio Dantas—O autor querido do publico. A **Soror Mariana** do Ginazio é quem nos confessa tal.

Salão Foz — O melhor salão, as melhores fitas, as melhores variedades e o melhor sextetto

THEATRO RUA DOS CONDES

Não desfazendo

A engrançadissississima revista de ANORÈ BRUN em duas sessões todas as noites

OFFICINAS GRAPHICAS
Movidas a electricidade
Trabalhos typographicos em todos os generos
Rua do Poço dos Negros, 81
LISBOA